

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

«Escrever, hoje, na América Latina como na Europa, significará, cada vez mais, reescrever, remastigar»
Haroldo de Campos, «Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira» (1992: 255)

Entrar na biblioteca de Haroldo de Campos, conservada na Casa das Rosas de São Paulo, é introduzir-se em um espaço de circulação onde uns textos se conectam com os outros mediante referências e sinalizações. Nessa biblioteca, os livros não são estáveis. Na sua aparente quietude, participam de um movimento secreto que sacode as prateleiras e trabalha em silêncio o arquivo da cultura.

O propósito deste escrito, que faz parte de uma pesquisa em andamento, é começar a mostrar como funciona a sua biblioteca em relação ao que podemos nomear de *dispositivo de leitura* de Haroldo de Campos. A tese, construída depois de alguns meses de trabalho na Casa das Rosas, é que a sua biblioteca é um organismo vivo e mutante ao serviço da crítica e da criação. Um estudo aprofundado desta questão – no qual estou trabalhando agora – poderia mostrar materialmente o modo de funcionamento da sua biblioteca e o seu valor fundamental na construção da obra de Haroldo¹.

Constituída por mais de 21.000 volumes, a sua biblioteca pode ler-se como a materialização e o sedimento de uma prática de escritura. Para Haroldo a crítica era, como para Ezra Pound, em um primeiro momento um problema de *seleção*². A ideia do *paideuma* – aquilo que precisa ser lido, transmitido, ensinado, não só como conhecimento do passado, mas para os usos do presente – é um recorte menor do que a biblioteca; mas a biblioteca já prefigura o *paideuma* e permite mobilizá-lo no presente. Como Haroldo escrevia em uma carta a Jakobson, «a qualidade da escolha decide um pouco de antemão, como uma verdadeira

NOTAS

1 | Esta pesquisa começou no mês de agosto de 2015 e se beneficiou de duas estadias de pesquisa. A primeira, sobre a recepção de Roland Barthes no Brasil («Estudio comparado de la recepción del pensamiento crítico francés em el campo iberoamericano. Usos brasileños de la teoría desde la perspectiva transatlántica»); a segunda, sobre Haroldo de Campos («Estudio comparado de la historia y los usos de la teoría literaria desde la perspectiva transatlántica: los usos de la teoría literaria en Brasil y el caso Haroldo de Campos»), as duas financiadas pelo Banco Santander («Becas Iberoamérica. Santander Investigación»). No mês de agosto aprofundarei esta pesquisa – cujos resultados foram compartilhados no dia 19 de outubro de 2017 no XIII Congresso da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG): A criação em circulação – graças a uma bolsa do Programa Haroldo de Campos de Incentivo à pesquisa e à tradução.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



condição de possibilidade, do êxito final da análise, da sua plenitude pelo menos. A operação seletiva – a escolha do objeto – seria já uma primeira decisão constitutiva do ato crítico» (Jakobson, 2007: 197). Leyla Perrone, quem se insere nesta mesma genealogia e a reconstrói, afirma também que o que está em jogo já na própria escolha é o «julgamento de valor implícito em todo discurso histórico» (21). Por isso, antes de qualquer outra coisa, a crítica é «escolha e valor». A biblioteca de Haroldo é uma materialização desse princípio; e pode ser pensada assim, com as matizações que virão depois, como um *recorte* da cultura que conserva aquilo que é digno de ser conservado.

1. Descrição do catálogo

Começemos por uma descrição externa do catálogo. A biblioteca inclui, no seu último registro de dezembro de 2016, 21.244 documentos. Deles, 13.850 são livros; 5.324 periódicos ou fascículos; 897 catálogos de exposições; 496 separatas; 240 guias; 82 teses doutorais; 51 programas de teatro e outros eventos; 4 partituras; e 300 elementos de hemeroteca. É significativa a proporção que se estabelece entre os livros e as revistas: as últimas representam aproximadamente uma quarta parte do total, o que é uma porcentagem bastante alta. As revistas constituem um espaço vivo de produção de saber. E, na época, muitos dos livros de autores como Derrida ou Barthes são o resultado da coleta de artigos publicados antes em publicações periódicas, artigos originais que o próprio Haroldo consigna às vezes nos livros que lê. Acontece que o que nos livros está em estado de produto aparece geralmente nas revistas ainda como tentativa; ou, em outros termos, o que nos livros é às vezes um item já fixado no arquivo da cultura, nas revistas está mais perto do acontecimento e da produção.

O contato de Haroldo com as revistas não é nem puramente passivo nem de leitura, mas implica muitas vezes a sua inserção nas redes intelectuais contemporâneas. Não é aqui o lugar para analisar a sua inscrição nas redes intelectuais internacionais, mas é possível lembrar, junto com os trabalhos de

NOTAS

2 | «It is my firm conviction that a man can learn more about poetry by really knowing and examining a few of the best poems than by meandering about among a great many» (Pound, 1987: 43).

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



Gênese de Andrade, quem reconstrói a sua relação com os hispano-americanos (2010a, 2010b), umas palavras de Leyla Perrone:

O Haroldo esteve sempre em toda parte, antes de todo mundo – eu digo antes dos universitários porque ele não era universitário na época. Ele tinha conhecimento do formalismo russo, tinha contatos antes de mim com o grupo *Tel quel*, com o grupo *Change* [...]. Foi o primeiro que entrou em contato com o Todorov, com a Kristeva, com todo mundo (Wolff: 82).

O contato com as revistas é também, muitas vezes, participação ativa com *os grupos*. A biblioteca de Haroldo conserva, entre outras, uma mostra importante das seguintes revistas: a espanhola *Cuadernos hispano-americanos*; as mexicanas *Revista de la Universidad de México* e *Vuelta*; as francesas *Tel quel*, *Change*, *Poétique* e *Action poétique*; e a italiana *Aut aut*. Essas revistas não proveem ao autor simplesmente de materiais, mas são frequentemente um indicador das suas conexões pessoais e institucionais. A sua relação com as revistas assinala assim a sua modernidade, no sentido de vontade de atualização permanente para estar na moda.

O outro traço marcante da biblioteca é o seu caráter cosmopolita, visível na sua composição linguística. Em relação às línguas, é uma biblioteca internacional e multilíngue. O conjunto principal é o português, com um 43,63% do total. O segundo conjunto está composto pelo espanhol (18,30%), o inglês (14,91%) e o francês (11,92%). O conjunto seguinte está composto pelas obras em italiano (7,52%) e em alemão (6,37%). O resto de línguas – que apresentam entre elas importantes diferenças – não representam em nenhum caso nem 1%, e todas elas conformam aproximadamente 3% do total.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



IDIOMAS DAS OBRAS			
Português	9.26	Tcheco	22
	9		
Espanhol	3.88	Polonês	19
	9		
Inglês	3.16	Galego	16
	8		
Francês	3.16	Húngaro	13
	8		
Italiano	1.59	Árabe	9
	8		
Alemão	1.35	Sânscrito	9
	4		
Japonês	171	Dinamarquês	6
Grego	153	Sérvio	6
Hebraico	66	Coreano	5
Catalão	62	Yorubá	4
Latim	57	Sueco, Crota	3
Russo	44	Guarani, Romeno	2
Chinês	33	Aramaico, Armênio, Esloveno, Esperanto, Finlandês, Irlandês, Lituano, Norueguês	1
Holandês	27		

Estes dados dão conta de um projeto de escritura que poderia ser estudado confrontando com mais detalhe os corpora e as tipologias de textos nas diferentes línguas. Cabe indicar que, além disso, uma parte importante das obras em português são traduções. O que indica – entre outras coisas – que o bloco em língua portuguesa da sua biblioteca é, também, um bloco internacional. Só vou lembrar, nesse sentido, a importante labor de edição que teve Haroldo no editorial Perspectiva, onde foram traduzidos, entre muitos outros, Octavio Paz, Tzvetan Todorov, Julia Kristeva, Christian Metz, Umberto Eco, Cesare Segre, Gérard Genette, Jean Starobinski, Krystyna Pomorska e Roman Jakobson – livros que, obviamente, também fazem parte da biblioteca de Haroldo.

2. Os usos da biblioteca

A descrição externa do catálogo é necessária, mas ficar nesse nível seria esquecer o caráter produtivo da biblioteca. Esta biblioteca não é de conservação: é de uso e de consulta. Segundo a caracterização nietzschiana, estaria ao serviço da vida. Que aqui

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



quer dizer ao serviço de um projeto de escritura. Isso faz que o recorte dos livros, revistas, separatas e outros materiais que constituem a biblioteca não seja plano. Escrevia Haroldo na «nota prévia» da *Operação do texto*: «A operação do texto, aqui, é um exercício jubilatório. Quando tantos classificam e esquematizam, é bom que alguém ou alguns restituam à crítica a sua dimensão heurística» (2013a: 11). O «respeito reverencial» que atribui Haroldo aos «historiadores de ofício» (12) é o próprio da história antiquária da que falara Nietzsche na sua segunda consideração intempestiva: «Uma curiosidade insaciável, tão vã quanto mesquinha», que «alimenta-se com alegria da poeira das bagatelas bibliográficas»³. A característica principal dessa relação é a imobilidade do saber e a separação radical entre passado e presente. Esses historiadores, segundo Haroldo, «sempre virão outra vez arrumar nas prateleiras os autores e obras temporariamente deslocados dos nichos “gloriosos”, pois têm ouvidos à prova de abalos sísmicos, paciência cadaverosa e uma suspicácia vaticana diante do milagre» (2013a: 12). À diferença dessa concepção, o dispositivo de leitura de Haroldo faz da sua biblioteca um organismo vivo que pode assaltar ao leitor desde o passado para sacudir a sua tranquilidade. A sua biblioteca pode ser pensada deste modo como uma materialização da sua visão sincrônica da literatura; a qual, paradoxalmente, não seria possível sem essa biblioteca. Nela, como escreveu em «Texto e história», «o que era antes um panorama amorfo, contemplado por um olho destituído de projeto, ganha coerência e relevo hierárquico, readquire vida dentro de uma tábua sincrônica onde presente e passado são contemporâneos» (2013b: 18).

Essa tábua sincrônica é projetada por um leitor virado para a crítica e a criação. As marcas dessa leitura são evidentes. Haroldo sublinha os seus livros com marca-textos e canetas de cores (raras vezes com lápis), e resume o argumento, geralmente com uma ou duas palavras, nas margens. Além disso, comenta os textos em notas que remetem a críticas, associações ou, com frequência, a outros autores (muitas vezes indicando a referência com título e página). São raras as intervenções subjetivas (no sentido de interpolar o efeito afetivo que a leitura produz nele). Só os signos de exclamação

NOTAS

3 | Cito este fragmento da *Segunda intempestiva* de Nietzsche da tradução de Leyla Perrone em *Altas literaturas* (1998: 23). Ela traduz da edição francesa de 1988 (*Seconde considération intempestive. De l'utilité et de l'inconvénient des études historiques pour la vie*, Paris: Flammarion).

NOTAS CRÍTICAS

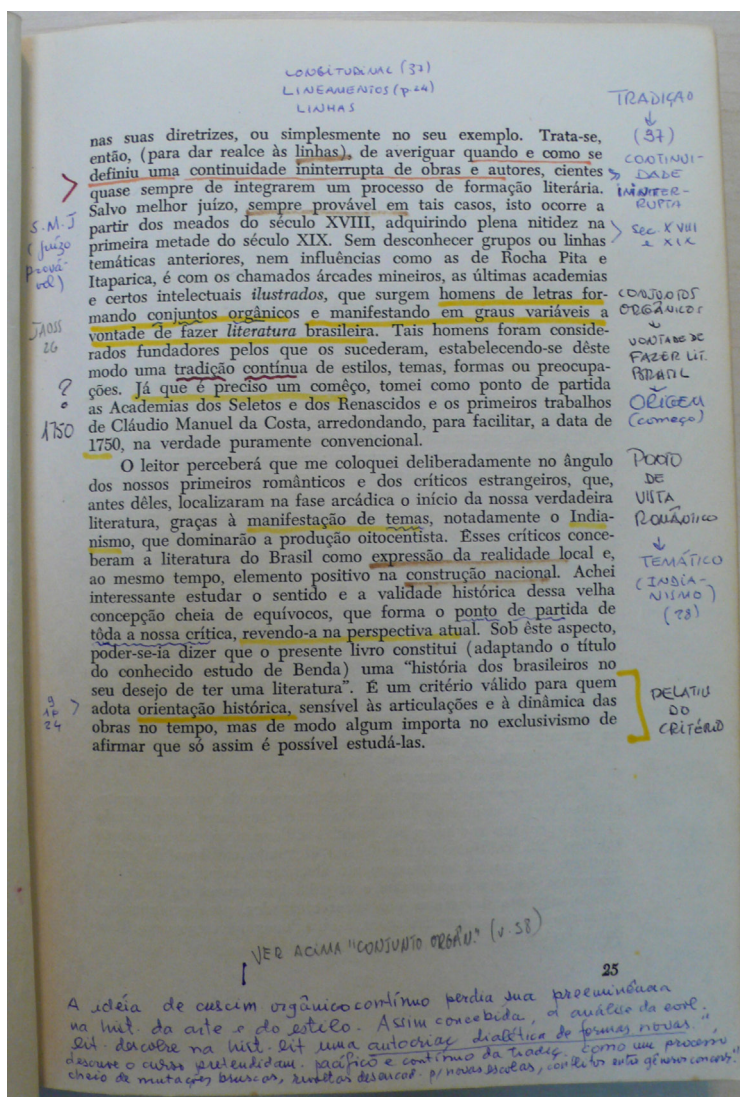
*O dispositivo de leitura de
Haroldo de Campos e os
usos da biblioteca*

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



escandem, às vezes, alguns textos. Se bem que, desde certo ponto de vista, isso poderia fazer pouco interessantes as suas anotações, o certo é que essa geral sobriedade é o resultado de um modo de trabalho que permite reconstruir o tecido intertextual que demarca o seu pensamento, e que às vezes prolonga em diversas direções de texto em texto. Essas inscrições mostram que o seu pensamento não é simplesmente pontual, mas circulatorio.



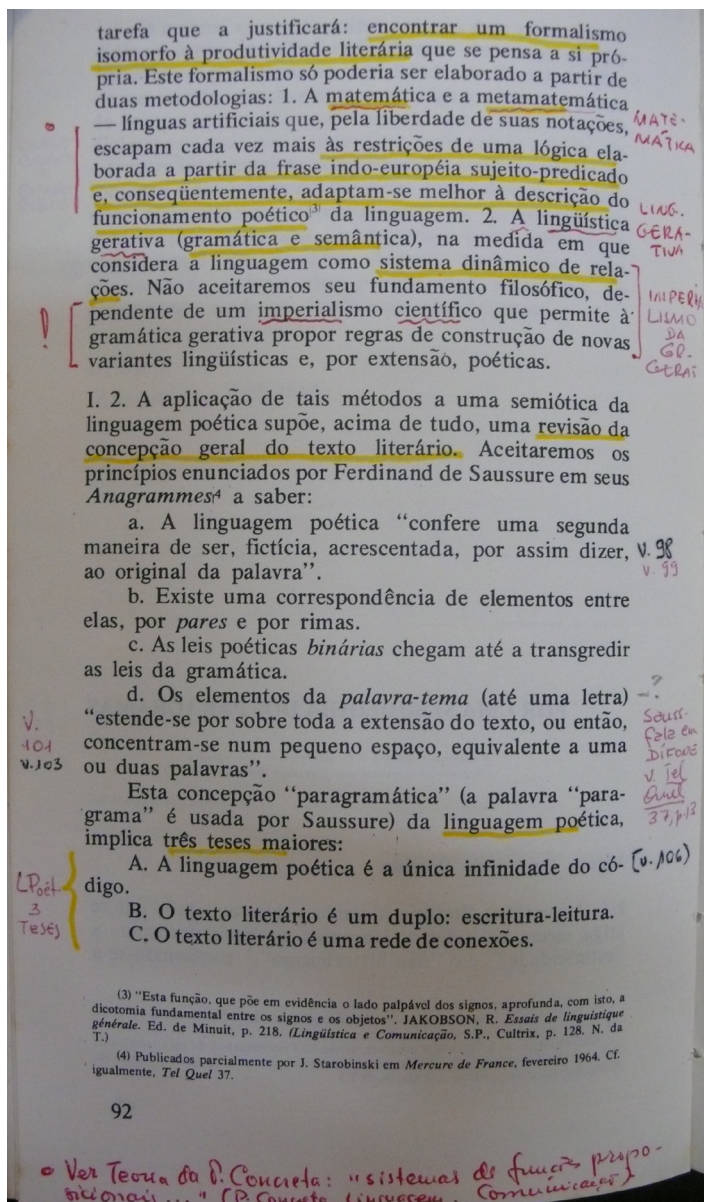
CANDIDO, A. (1969): *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836)*, 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 25.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



NOTAS

4 | Entrevista com Julián Ríos (París, agosto 2017). Ríos referiu que Cortázar dizia que a literatura latino-americana tinha dois «gordos»: o «gordo telúrico» (Lezama Lima) e o «gordo cósmico» (Haroldo de Campos).

KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva («Debates – Semiótica», 84) [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013], p. 92.

Haroldo pratica também, geralmente, uma leitura *intensiva* que não tem inconveniente em interromper-se, fragmentando as obras mediante a leitura. Para Haroldo, a leitura está subordinada à escritura; e, aqui, toda leitura é (re)escritura. O crítico-escritor que ele é lê escrevendo; e, reescrevendo, pensa. O seu gesto de apropriação está intimamente ligado, portanto, a certo uso da biblioteca. Pois não temos que esquecer que, no centro dessa galáxia intertextual, está, como gostava de dizer Julio Cortázar, «el gordo cósmico», o *gordo cósmico*: Haroldo⁴, mastigando e remastigando, depois da sua escolha crítica, o

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



legado da tradição para construir uma obra nova. Para fazer novo, de novo, o escrito. «Make it new!».

Dessa forma, na sua manducação, Haroldo se nutre e apropria dos mais variados argumentos e os articula com o seu próprio trabalho crítico. As notas marginais, que constituem um *procedimento de controle* que possibilita a reconstrução do argumento, produzem *apostilas*, as quais permitem a Haroldo a introdução da sua voz na escritura, conectando-se com a tradição mediante um movimento de apropriação.

3. O caso *Tel quel*

O caso das suas relações com *Tel quel* pode ser reconstruído mediante um duplo registro biográfico e de leitura. Nos anos sessenta, Haroldo lê com atenção os textos de *Tel quel*. Na sua leitura de Kristeva sublinha com uma caneta amarela a frase «Assim, no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor» (98), e anota ao pé da página com caneta vermelha: «Poética sincrónica.EP.: a literat. não existe no vácuo». E, na página seguinte, após sublinhar a expressão «pessoal-impessoal» (99) referida à poesia, também em caneta vermelha: «PESSOAL/IMPESSOAL – ver o meu “anônimo e personalíssimo” (Pref. as *Galáxias*, via Mallarmé – “disparition élocutoire du moi”. E na página seguinte: “V. *Teor. da P. Concreta*, p. 71, “sist. não. aristotélico”, refeição do principio da identidade (imitação)» (100). Esse texto, «Por uma semiologia dos paragramas», está abundantemente anotado, com uma multiplicidade de referências à poesia concreta e ao seu próprio trabalho

Sendo o interlocutor um texto, o sujeito é também um texto: uma poesia pessoal-impessoal é o resultado da qual são banidos, ao mesmo tempo que o sujeito-pessoa, o sujeito psicológico, a descrição das paixões sem conclusão moral (372), o fenómeno (405), o acidental (405). “Vencerá a frieza do axioma!” (408) A poesia se construirá como uma rede axiomática indestrutível (“o fio indestrutível da poesia impessoal” (384) mas destruidora (“o teorema zomba de sua natureza”, 413).

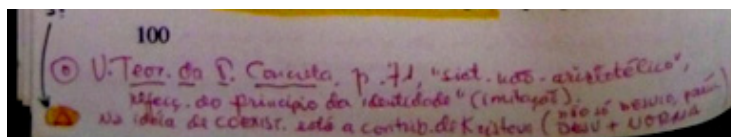
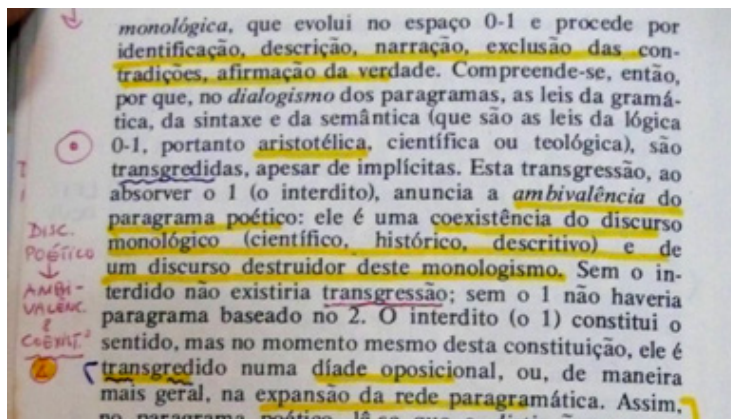
© PESSOAL/IMPESSOAL – ver o meu “anônimo e personalíssimo” (Pref. as *Galáxias*, via Mallarmé “disparition élocutoire du moi”

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de
Haroldo de Campos e os
usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva («Debates – Semiótica», 84) [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013], pp. 99-100.

É possível aventurar, pelo menos em termos de hipótese, que ele deixa de ler Kristeva aproximadamente depois da batalha com *Change*. Haroldo terá boas relações com Roman Jakobson, Jean-Pierre Faye e Jacques Roubaud, que se afastam de *Tel quel*. Os livros que desde esse momento ele recebe, dedicados, de Kristeva e de Sollers estão intatos (à exceção, é verdade, de *Paradis*, que interessava a Haroldo por uma inquietante proximidade ao seu projeto de *Galáxias*). Não por acaso, o mesmo acontece com a revista *Tel quel* depois de 1971.

4. Inteligibilidades e valores da biblioteca

A descrição do catálogo da biblioteca não pode ser, portanto, simplesmente nominal, mas precisa reconstruir as invisíveis mediações que a fazem inteligível. Depois de consultá-la, é preciso estabelecer uma distinção operativa em relação ao *valor* dos livros, os quais não se acham em um mesmo nível; ao contrário, as relações que estabelecem entre eles os jerarquizam. Em uma primeira aproximação, podemos estabelecer três níveis:

4.1. Periferia

Na periferia do sistema estão os livros, e os textos, sem anotações. Livros que Haroldo adquiriu

NOTAS CRÍTICAS

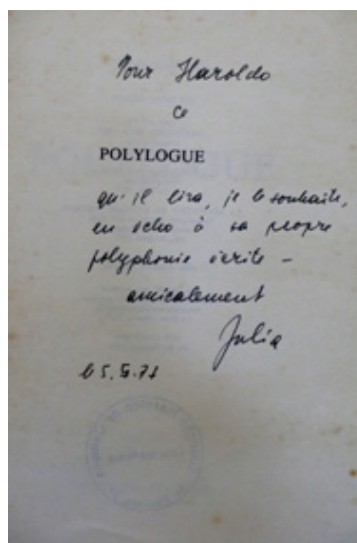
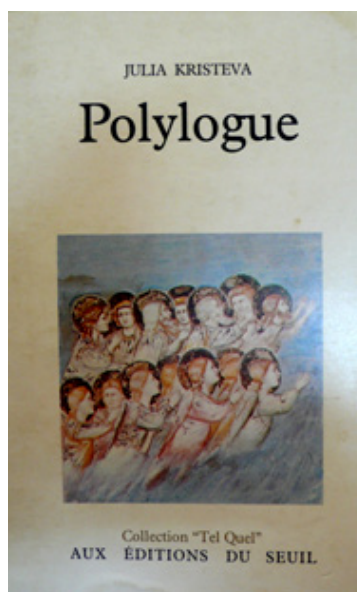
O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



– ou que recebeu como presente – e que, pelo seu estado atual, parece que não foram lidos pelo autor, ou bem foram lidos de um modo superficial. Do mesmo modo, a sua biblioteca tem livros dedicados, como o livro que Julia Kristeva lhe envia em 1977, que, presumivelmente –pois não tem anotações–, Haroldo nunca leu nem «mastigou» («Pour Haroldo ce POLYLOGUE qu'il lira, je le souhaite, en écho à sa propre polyphonie écrite – amicalement Julia le 5.5.77»).



KRISTEVA, J. (1977) : *Polylogue*, Paris : Seuil.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

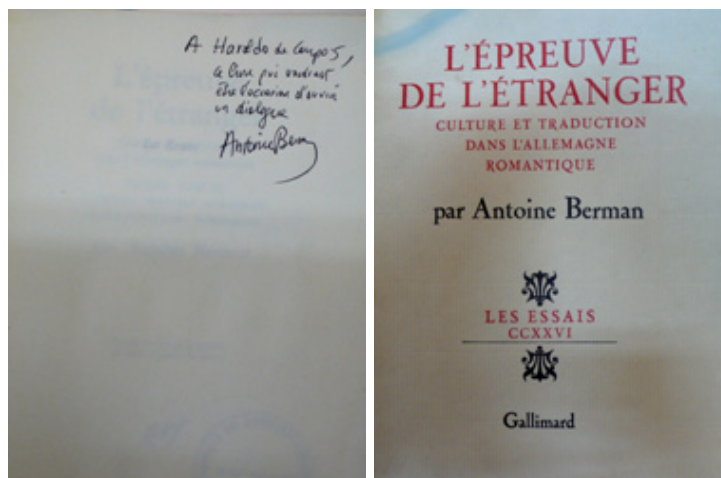
Ilustración: Mario Vale



Sem excluir a possibilidade de que o autor lesse esses livros, e outros, em exemplares que não conservou, o estudo da sua obra confirma o que achamos na sua biblioteca: Haroldo não deixou nenhum rastro neles e, se julgarmos pela sua escrita, eles tampouco deixaram nenhum rastro, nenhum eco, nele. Esses volumes são o resíduo da biblioteca, o qual, não obstante, traça um contorno que não é desdenhável. Há uma lógica, que poderia ser estudada, de como os livros entram em uma biblioteca. Cada biblioteca tem a sua porosidade específica e os seus canais de entrada. E, igualmente, tem a sua própria plausibilidade, que remete aos tipos de livros que são plausíveis nela e aos que não o são. Com tudo, a biblioteca de Haroldo dispõe de um imenso contorno de livros não lidos nem usados, mas que estão – em qualquer caso – disponíveis. E, em qualquer momento, uma leitura ou um projeto de escritura poderia (pôde? pode? poderá?) ativá-los e levá-los até as zonas centrais.

4.2. Semi-periferia

Em uma posição mais centrada (ou semi-periférica), encontramos os livros grifados, onde Haroldo esquematizou o argumento, escreveu algumas anotações e construiu um índice de referências ao final. Estes volumes aparecem, geralmente, como fonte de consulta e como provisão de discursos alheios e informações. É o caso de *L'épreuve de l'étranger* de Antoine Berman, de 1984.



BERMAN, A. (1984) : *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris: Gallimard. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 9632.]

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



A interrupção é um gesto típico dessas leituras. Há muitos livros que começam sendo anotados com profusão até um momento onde, aparentemente, a leitura é suspendida. Assim, os *Appunti per una semiologia delle comunicazioni visive* de Umberto Eco (Università de Firenze, Bompiani, 1967) estão minuciosamente grifados até a página 159. Depois desse ponto, e até a página final (207), não há nenhum outro rastro da leitura.

4.3. Centro

Nas posições centrais – em um centro constantemente descentrado – estão os livros fundamentais para o seu projeto de escritura; e, mais que os livros, algumas secções ou fragmentos desses livros. O trabalho de recorte e escolha da biblioteca sobre o volume do escrito aparece redobrado pelos recortes e ensambladuras da leitura. Na *Introdução à semanálise* de Julia Kristeva «A palavra, o diálogo e o romance» e «Por uma semiologia dos paragramas» são textos grifados com profusão, mas não os outros. E na *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido a atenção de Haroldo concentra-se nos dois prefácios e na introdução.

Este último caso é especialmente relevante, pois, como é sabido, *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (1989) é um livro escrito para propor um modelo historiográfico diferente do de Candido. Com motivo da sua escritura, uma parte da biblioteca começa a mobilizar-se, e os livros conservam ainda hoje esses traços bem marcantes.

As anotações de Haroldo são, desse modo, fundamentais para reconstruir o funcionamento da biblioteca e os diversos níveis de leitura que a mobilizam. Em um primeiro nível, Haroldo anota as páginas iniciais do livro de Candido e constrói *redes textuais* ao interno da própria obra. A página 15 remete à página 23; a 23 à 9, 10, 17, 18 e 26; a 26 à 18, 23 e 28; e assim sucessivamente, criando redes textuais ligadas por problemas específicos.

Em um segundo nível, Haroldo enlaça a *Formação* com outras obras de Candido, especialmente *Literatura e Sociedade* (ver p. 16, com remissão às páginas 8, 10 e 21-46), para descobrir a sistematicidade do pensamento de Candido.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



O terceiro nível de leitura consiste em enlaçar os textos de *Candido* com outras textualidades que serviram a problematizar os pressupostos dos que parte a obra. Os principais nomes dessa problematização são Jauss e Derrida que, junto com Jakobson, serão as referências teóricas principais que aparecem no *Sequestro do barroco*. A leitura destes fragmentos mostra que a prática de leitura de Haroldo promove a criação de galáxias textuais. Desse modo, mais que uma interpretação no sentido hermenêutico do texto, Haroldo trabalha mediante procedimentos de recorte, seleção e montagem. O que aconteceria se colocarmos ao lado do prólogo de *Candido* *Pour une esthétique de la réception* de Jauss? O que, se pensarmos a história da literatura brasileira no mesmo espaço da «différance» derridiana (e, particularmente, de alguns fragmentos de *De la grammatologie*)? Esse gesto não é o da aplicação, mas o do curto-circuito: ao combinar *Candido* com Jauss, a história do primeiro é curto-circuitada para fazer entrar a literatura brasileira em um novo circuito textual, em um novo espaço de circulação.

Entende-se porquê, nesse dispositivo, a escritura é a continuação da leitura. A figura da espiral ajuda a apreender o movimento da biblioteca. Uma espiral que tem o seu eixo gerador em um centro constantemente deslocado que, em um movimento centrífugo, perde constantemente a sua presença ao tempo que desloca e reordena o resto de textos. O lugar dessa escritura é a biblioteca já que, como escreveu Haroldo em 1980, «escrever, hoje, na América Latina como na Europa, significará, cada vez mais, reescrever, remastigar» (1992: 255). O movimento que impulsiona essa revolução permanente é a escritura: a criação de uma obra própria baseada na re-mastigação da cultura. Assim, a biblioteca é sacudida por um movimento de escritura que ordena e desordena os livros e os fragmentos, e os faz comunicar mediante referências intertextuais que – quando o argumento captura a atenção de Haroldo – começam a proliferar nas suas anotações.

5. O dispositivo Haroldo de Campos

O dispositivo de leitura Haroldo de Campos é uma grande máquina de produção de textualidades.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



Nesse sentido, é possível dizer que na biblioteca de Haroldo falta um livro. Essa ausência trabalha secretamente as suas prateleiras. Embora as relações de Haroldo com o pensamento –e a obra– de Maurice Blanchot sejam muito externas e superficiais, é possível afirmar que, mediante outro percurso e procedimentos, o livro que falta na sua biblioteca é *o livro por vir* blanchoteano. Esse livro – ou texto – que daria sentido à literatura é a peça em que trabalha infatigavelmente Haroldo. Escreve em «Texto e história» (1967):

Uma nova obra decisiva ou um novo movimento artístico propõem um novo modelo estrutural, à cuja luz todo o passado subitamente se reorganiza e ganha uma coerência diversa. Nesse sentido, é que a literatura é o domínio do simultâneo, um simultâneo que reconfigura a cada nova intervenção criadora (2013b: 24).

A biblioteca de Haroldo é uma magnífica concreção, cheia de *rastros textuais*, dessa apropriação criadora.

6. Viva, a biblioteca

A biblioteca de Haroldo é um corpo vivo que convida a ser percorrido. É possível imaginar, já que não reconstruir pelo momento, as fases da sua formação; a variação do caudal de entrada dos livros; a sua agrupação dentro do arquivo; as camadas sucessivas de tipologias textuais; a lógica mediante a qual umas tipologias – e, às vezes, uns textos – possibilitam a entrada de outros; e os acontecimentos principais que reordenam o acervo em função dos novos projetos de escritura. As tipologias da biblioteca de Haroldo podem coincidir com tipologias históricas gerais, mas são imanentes à biblioteca e, no caso de Haroldo, tendem a entrelaçar linguística, literatura e tradução. O seu catálogo supõe não só a descrição física dos volumes, mas também as múltiplas ordenações que fazem dela um laboratório crítico e literário.

Essa biblioteca não é nem pode ser, portanto, um corpo estável. Cada novo texto supõe um deslocamento; e, também, cada novo projeto de escritura. Poderíamos pensar que a morte de Haroldo fecha a biblioteca, mas não é assim. Pois, por causa da sua construção, ela permite – e precisa – de diversos modos de entrada. Hoje é, entre outras

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



coisas, um magnífico arquivo da teoria e da crítica literária editadas na segunda metade do século vinte pelo menos nos contextos de fala francesa, italiana, espanhola e portuguesa.

O trabalho de Haroldo passa por fazer certas as palavras que ele usou para referir-se a Borges:

A um certo momento, com Borges pelo menos, o europeu descobriu que não podia mais escrever a sua prosa do mundo sem o contributo cada vez mais avassalador da diferença aportada pelos vorazes bárbaros alexandrinos. Os livros que lia já não podiam ser os mesmos, depois de manducados e digeridos pelo cego homeriada de Buenos Aires, que ousara até mesmo reescrever o *Quijote*, sob o pseudônimo de Pierre Menard... (1992: 253-254).

Da mesma forma, os livros da biblioteca de Haroldo – ao menos, os livros da primeira categoria, aqueles que ele leu e trabalhou desde a sua singularidade – já não são mais os mesmos *depois de manducados e digeridos pelo gordo cósmico de São Paulo, que ousara até mesmo reescrever a história da literatura brasileira fazendo da leitura uma operação privilegiada e da sua biblioteca o espaço de possibilidade de uma revisão constante da história.*

Bibliografia citada

- ANDRADE, G. (2010a): «Afinidades eletivas. Haroldo de Campos traduz os hispano-americanos», *Caracol*, 1, 36-63.
- ANDRADE, G. (2010b): «“Escrituras que brilham em plena noite”: Haroldo de Campos e a literatura hispano-americana» em Dick, A. (org.), *Signâncias: reflexões sobre Haroldo de Campos*, São Paulo: Risco Editorial, 148-173.
- DE CAMPOS, H. (1992): «Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira», *Metalinguagem & outras metas*, São Paulo: Perspectiva, 231-255.
- DE CAMPOS, H. (2007): «Notas à margem de uma análise de Pessoa» (carta a Roman Jakobson: São Paulo, 14 de julho de 1968), Jakobson, R., *Lingüística, poética, cinema. Jakobson no Brasil*, São Paulo: Perspectiva, 195-2014.
- DE CAMPOS, H. (2013a): «Nota prévia» (jul. 1975) em *A reoperação do texto*, São Paulo: Perspectiva, 11-12.

NOTAS CRÍTICAS

O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos e os usos da biblioteca

Max Hidalgo Nácher
Universitat de Barcelona

Ilustración: Mario Vale



DE CAMPOS, H. (2013b): «Texto e história» em *A reoperação do texto*, São Paulo: Perspectiva, 15-25.
PERRONE-MOISÉS, LEYLA (1998): *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, São Paulo: Companhia das Letras.
POUND, E. (1987): *ABC of reading* [1934], Canada: New Directions Paperbook.
RÍOS, J. (2017): Entrevista de Max Hidalgo Nácher. Agosto 2017, Paris.
WOLFF, Jorge (2008): *Telquelismos latinoamericanos*, Buenos Aires: Grumo. [ed. em português (2016): *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.]

LIVROS DO ACERVO HAROLDO DE CAMPOS (Casa das Rosas, Av. Paulista, São Paulo)

BERMAN, A. (1984) : *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris: Gallimard. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 9632.]
CANDIDO, A. (1965): *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Ensaio, 3). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 12058.]
CANDIDO, A. (1969): *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836)*, 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1.]
KRISTEVA, J. (1974): *Introdução à Semanálise*, São Paulo: Perspectiva ("Debates – Semiótica", 84). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 3013.]
KRISTEVA, J. (1977) : *Polylogue*, Paris: Seuil ("Tel Quel"). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 10882.]